

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Lilian Marina Lopes Ferreira

**ESTUDAR PARA QUÊ? EXPECTATIVAS DE ALUNOS DO SEGUNDO CICLO EM
RELAÇÃO À ESCOLA**

Belo Horizonte

2015

Lilian Marina Lopes Ferreira

**ESTUDAR PARA QUÊ? EXPECTATIVAS DE ALUNOS DO SEGUNDO CICLO EM
RELAÇÃO À ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Processos de Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Luciana da Silva de Oliveira

Belo Horizonte

2015

Lilian Marina Lopes Ferreira

**ESTUDAR PARA QUÊ? EXPECTATIVAS DE ALUNOS DO SEGUNDO CICLO EM
RELAÇÃO À ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Processos de Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Luciana da Silva de Oliveira

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Professora Mestre Luciana da Silva de Oliveira (orientadora) - Faculdade de Educação da UFMG

Professora Mestre Daiane Marques Silva - Prefeitura de Belo Horizonte

RESUMO

Este trabalho busca entender o papel que os alunos do segundo ciclo da escola Municipal José de Calasanz de Belo Horizonte atribuem à escola atual, visando compreender quais as expectativas eles têm em relação a ela. A forma escolhida de investigação foi a proposição de uma redação na qual todos responderam à questão: “qual o papel da escola para você?”. As redações foram lidas, analisadas e categorizadas, sendo destacados pontos positivos em contraste com a atitude de desinteresse e, até indisciplina desses alunos, no cotidiano. Buscando respaldo em Bauman e Gomez, tentamos relacionar o que acontece no interior da escola que atrai os alunos, mas não os leva até um aprendizado efetivo de conteúdos. A sociedade mudou e escola não consegue, muitas vezes, acompanhar essas transformações e levar seus estudantes a ampliar sua visão para além da alfabetização e do pragmatismo.

Palavras-chave: papel da escola, função da escola na sociedade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	05
2. REVISÃO DE LITERATURA	10
3. METODOLOGIA.....	12
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS.....	24
ANEXOS.....	25

1. INTRODUÇÃO

Registrar nossas experiências é tarefa muito difícil, pois, além de ser muito subjetivo, demanda do outro uma interpretação de fatos e também de sentimentos que nem sempre ele já experimentou. De acordo com Larossa “*o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. “Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência”* (2002, p.27). Mas entendendo que essas experiências foram importantes na construção da profissional que sou hoje se faz importante esse registro e reflexão.

Minha história com a Educação, como campo de atuação profissional, começa em 1995, quando optei por fazer o Ensino Médio junto com o Magistério. Naquela época não pensava em atuar, pois meu objetivo era me formar e fazer o curso de Jornalismo, mas o contato com os professores e com os estágios para conclusão do curso mudou minha forma de enxergar uma sala de aula. Considero esse período um dos mais ricos e produtivos que tive em estudo. Fui verdadeiramente conquistada pela área.

Logo que me formei, entrei para a faculdade de Pedagogia na Universidade Estadual de Minas Gerais. No começo achava tudo muito raso e superficial, pois era quase uma repetição do que tinha visto no Magistério. Deparei-me com textos e livros que já haviam sido estudados. Meu curso, além da habilitação para lecionar nas séries iniciais, também habilitava para supervisão/coordenação, inspeção e gestão empresarial, mas foi ficando muito claro pra mim que eu gostava mesmo era de sala de aula e que eu gostaria de atuar com as crianças maiores, pois acreditava ter maior facilidade para me comunicar com elas.

A partir do quarto período, o curso foi tomando outra forma, ficando diferente do que eu já tinha experimentado até então. Passei por momentos de muitos questionamentos. Questionamentos esses que me acompanham até hoje: como pode a Educação ser pensada e gerida por tantos profissionais que não são da área? Será que o problema da Educação é somente a falta de recursos financeiros ou a má utilização desses? O que dizer dessas metas internacionais que nosso país precisa cumprir? Avaliações externas: qual o verdadeiro valor

delas? Diante dessas perguntas direcionei meu trabalho de monografia para “Os investimentos financeiros na Educação na era do governo FHC”. Apreendi muito com minha professora orientadora e posso dizer que fiquei bastante satisfeita com o resultado que me levou à aprovação do final do curso.

Em 2002 comecei a trabalhar na Prefeitura de Contagem com crianças do quarto ano (10 anos de idade) e ali permaneci por dois anos, até que fui pra uma escola de Educação Infantil. Experiência muito desafiadora e diferente, uma vez que sempre direcionei meus estudos e estágios para crianças maiores. Nessa escola tive a oportunidade de ficar até 2009, época em que realizei o Curso de Alfabetização e Letramento, uma parceria da Prefeitura de Contagem e do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Curso que me ajudou bastante e redirecionou meu trabalho naquele momento, pois adquiri formação e ferramentas para atuar nas turmas de primeiro ciclo e principalmente na alfabetização.

A partir de então tenho passado por muitas turmas de alfabetização, e a Educação Infantil ficou para trás. Desde 2010 estou lecionando somente na Rede Municipal de Belo Horizonte, atuando no 1º e 2º ciclos.

Nessa Rede também experimentei a função de professora apoio, lecionando uma matéria específica e percorrendo várias turmas e às vezes até idades diferentes. Comecei como professora de Arte no primeiro ciclo e, em 2014, como professora de Ciências no 2º ciclo. O conteúdo de Ciências é extenso, está em constante mudança e eu preciso estar atualizada a todo tempo.

Considero como meu maior desafio, hoje, levar os alunos a se interessarem pelos estudos, uma vez que o papel da escola se transformou tanto que eles vão até lá pra fazer tudo (comer, buscar o uniforme, ter aulas extracurriculares), mas não conseguem agregar valor aos conteúdos tradicionais. Observo uma verdadeira “recusa ao saber” por parte deles. Em contrapartida, esses mesmos conteúdos são cobrados nas avaliações externas no decorrer do ano, colocando em questionamento nosso trabalho e a aprendizagem dos alunos, mas sem levar em conta o processo e a função da escola atualmente.

Penso que uma resposta precisa ser dada a todos nós que estamos acuados dentro de sala de aula, sem saber o que fazer diante desses alunos que tomaram a escola e que não nos reconhecem mais como parte dela. Isolando as dificuldades de aprendizagem, a indisciplina, os conflitos família-escola, gostaria muito de entender

por que essas crianças não querem aprender, o que elas esperam da escola e qual o nosso novo papel nessa relação.

Sendo assim, meus estudos nesse sentido ouvi-los e compreender essa questão que tanto me inquieta.

1.1 Questões e objetivos

Questão

Qual o papel da escola atual para os alunos do segundo ciclo de uma escola municipal de Belo Horizonte?

Objetivos

Geral:

Compreender o papel da escola atual para os alunos do segundo ciclo de uma escola municipal de Belo Horizonte.

Específicos:

Analisar as expectativas dos alunos com relação à escola.

Comparar se a forma como os alunos se comportam na escola coincide com o que eles falam ser o papel dela.

Como atualmente meu maior desafio é fazer os alunos se interessarem pela escola como lugar, também, de adquirir conhecimento formal e levá-los a uma efetiva aprendizagem que o ajudarão nos testes e avaliações citadas, penso ser importante saber qual papel eles atribuem a essa escola frequentada por eles. Será que o comportamento apresentado por eles coincide com o que eles pensam ou falam ser o papel da escola?

Torna-se urgente entender o que os alunos esperam do espaço escolar e relacioná-los com o que os professores também esperam para que esse espaço tão rico e propício volte a ser um lugar privilegiado de experiências e aprendizados. Sabemos não ser mais possível ou desejável que a escola abandone os vários afazeres que ela assumiu no passar dos tempos, mas precisamos pensar para onde iremos diante de tanta falta de interesse e respeito que acontece atualmente. Essa

recusa precisa ser investigada e precisamos nos munir de instrumentos que nos capacitem frente a essa nova demanda e desafio que as turmas escolares nos exigem.

Escutar esses sujeitos é o primeiro passo desejável para que uma significativa mudança ocorra na escola. Mudança essa que irá resultar em alunos e professores mais realizados, compromissados, satisfeitos e envolvidos.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Buscando entender qual o papel da escola atual para os alunos do segundo ciclo e os desdobramentos dessa visão, busquei ler autores que já tenham escrito e estudado o tema a fim de conhecer o que já foi produzido.

A principal fonte foi artigos, teses e dissertações disponibilizados na Internet em sites como Scielo (*Scientific Eletronic Library Online*) e ANPED (Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação). A maioria dos trabalhos encontrados foi com uma abordagem sociológica. Algumas considerações merecem ser feitas a partir do que foi lido.

QUADRO GERAL – REVISÃO DE LITERATURA		
ACHADOS DA ANPED		
Autor	GT	Tema pesquisado
Machado, 2008	20	Postura das crianças frente à escola
Martins, 2012	13	O mal estar na Escola Fundamental
ACHADOS DO SCIELO		
Autor	Tema pesquisado	
Soares, 2012	Autoridade do Professor e Função da Escola	
Nunes, 2011	Papel da Escola na Atualidade	
Mendonça, 2011	Função Social da Escola na Sociedade Capitalista Atual	
Marques e Castanho, 2011	Sentido atribuído à escola pelos alunos	

Paim e Nodari (2012) apresentam em seu trabalho qual seria a missão da escola no contexto social atual a partir dos estudos de Zygmunt Bauman (2001). Esse sociólogo pontua que a sociedade vive uma *modernidade líquida*, marcada pela instabilidade, desestabilidade, imprevistos, construções e desconstruções, sem se ater a nenhuma forma fixa, sem se apegar ao que é durável e imutável. Assim a escola não consegue mais preparar para a vida, pois ela muda e se transforma a todo instante. Nesse contexto, o conhecimento escolar passa a ser uma informação que poderá ser substituída ou alterada rapidamente. O ambiente escolar passa a ser

um ambiente de experiências, onde nem o professor detém mais o saber e onde os alunos poderão questionar as produções existentes.

O trabalho de Mendonça (2011) busca a contribuição do olhar sociológico para entender porque a escola não consegue mais ensinar e os estudantes não mais aprenderem os conteúdos propostos. Ela coloca que professores e alunos não se identificam mais nesse espaço. Qual seria então a função da escola na sociedade capitalista atual? Citando Leontiev (1978)¹, a autora destaca a necessidade da mediação dentro da escola e do estudo da própria Sociologia enquanto conteúdo. Assim haveria uma seleção dos conteúdos culturais a serem incorporados para que haja um vínculo entre o indivíduo e o mundo e seus significados. Só a mediação e o diálogo poderiam restabelecer a motivação nesses sujeitos escolares.

Já na área da Psicologia Escolar e Educacional, Marques e Castanho (2011) a partir de uma pesquisa participante, investigam qual o sentido atribuído à escola por alunos de 10 a 13 anos de escolas públicas da periferia de São Paulo. No quadro de análise, apresentado no estudo, sobre a função da escola, percebe-se um contraste quando a maioria responde que a finalidade é o aprendizado, mas diante de outras perguntas deixam claro que isso é o menos interessante. As autoras apontam que somente uma reconstrução da escola com todos os agentes envolvidos sendo ouvidos apontaria para uma escola eficaz no sentido de atingir os anseios e objetivos tanto de alunos e professores.

Do que foi encontrado ficou claro o conflito existente entre o que é falado pelos alunos, pelos professores e o que de fato acontece no interior da escola. Também é fácil perceber que as demandas de alguns anos atrás já não respondem bem ao cotidiano atual. Torna-se necessário entender e colocar uma resposta satisfatória para que esse espaço tenha sua função novamente desempenhada e significada por todos que dele participam.

¹ Leontiev, A. N. *Actividad, consciencia y personalidad*. Buenos Aires: Ciencias Del Hombre, 1978.

3. METODOLOGIA

O estudo em questão foi realizado na Escola Municipal José de Calasanz, situada na região Nordeste de Belo Horizonte, obra do Orçamento Participativo do ano de 1996. Inaugurada em 2001 a escola conta com um espaço de 16 salas de aulas que atendem, atualmente, turmas de Educação Infantil (4 e 5 anos), 1º ciclo (6, 7 e 8 anos) e 2º ciclo (9, 10 e 11 anos), em dois turnos: manhã e tarde, num total de 720 alunos. O corpo pedagógico é formado por 22 professores e três coordenadores em cada turno, além de diretor e vice. A escola atende, ainda, os alunos no Projeto Escola Integrada e, aos finais de semana, atende à comunidade com o Projeto Escola Aberta.

A escola se divide em um bloco de três andares, onde se localizam as salas de aulas e os banheiros dos alunos; outro bloco de dois andares, onde fica a sala de multiuso, dois laboratórios, a cantina e vestiários dos funcionários; e um terceiro bloco com as salas administrativas, a biblioteca e o auditório. Tem, ainda, uma quadra, dois pátios e um parquinho infantil.

A comunidade atendida pela escola é oriunda, principalmente, dos bairros Ipê, Goiânia, São Marcos, Maria Goretti e Alvorada, que constituem uma região considerada de classe econômica baixa, periférica, com casas simples e pequenos quintais. Possui rede de esgoto, coleta de lixo, linha precária de ônibus, ruas muito íngremes. A maioria das famílias mora em casa própria, cedida por outros familiares. É comum ver várias famílias morando no mesmo lote. A principal ocupação dos pais é a prestação de serviços “biscates” e, raramente os mesmos possuem o ensino superior. Muitos recebem o auxílio Bolsa Escola, concedido pelo Governo Federal.

O presente estudo envolveu 115 alunos, de 9 a 12 anos, que foram solicitados a desenvolverem uma redação cujo tema era “qual o papel da escola para você?”. A escolha da redação se deu, primeiro, porque queríamos abranger o maior número possível de alunos do segundo ciclo, e, também, porque queríamos dar a eles certo anonimato para que se sentissem à vontade a exporem o que realmente pensassem sobre o assunto. Sendo a redação um gênero legítimo de comunicação, ela bem serviu à nossa intenção. Citando Bakhtin (1997, p. 284):

Cada esfera conhece seus Gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico.

Mesmo acreditando que a redação foi a melhor ferramenta usada nos questionamos, compreendemos que se fossem realizadas entrevistas individuais, ou ainda, se essa mesma pergunta fosse feita fora da escola, por outros sujeitos que não os professores da turma, as respostas poderiam não ser as mesmas.

4. – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O projeto piloto

Logo que retornamos do recesso de Junho/Julho de 2014 propus aos alunos que escrevessem, em forma de redação, o que eles entendiam ser o papel da escola atual. Eles já tinham conhecimento de que fazia um curso aos sábados e até “brinquei” que aquele trabalho não valeria ponto pra eles, mas valeria pra mim. Também falei que eles não precisavam se identificar, só pedi que colocassem a idade.

Enquanto explicava a tarefa, muitos verbalizaram opiniões do tipo: “*ah, escola não serve pra nada*” ou “*só serve pra gente não ficar na rua*” ou ainda “*só estou aqui porque sou obrigado*” e, ainda, “*serve pra eu usar a internet*”. Também observei muitas reações faciais que me indicaram desde a preguiça em ter que escrever até a fala “*que pergunta é essa professora?*”.

Durante a produção, poucas perguntas foram feitas. Aqui vale ressaltar que os alunos da Inclusão não participaram, devido à dificuldade que possuem em expressar suas ideias, seja com a fala ou escrita. Qualquer intervenção aqui seria feita pelos auxiliares, o que não atenderia ao nosso objetivo.

Ao receber as produções duas coisas inicialmente me chamaram a atenção: primeiro, a maioria escreveu poucas linhas e, segundo, não registraram aquilo que falaram no momento em que eu expus a atividade.

Na leitura das redações observei muito a função de educar da escola, articulada com a função de ensinar, de transmitir conhecimento. Várias frases diziam que “*a escola me ajuda a ser educado, a não brigar, a não falar palavrão, me ensina a respeitar os outros*”.

Praticamente todos escreveram ser a escola muito importante apesar de, no dia a dia, não ser essa a postura que observamos neles. Muitos demonstram até certo desprezo pela escola, mas ao escreverem, registraram o contrário. Por quê? Talvez daí devam partir nossos próximos questionamentos.

Depois de recebidas as redações, fez-se necessária a leitura de todas elas, além de uma análise. Pensamos na abordagem da análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977) atrelada à análise documental, uma vez que os dados que tínhamos, diante de nós, não eram exatos, objetivos ou conclusivos em si mesmos,

mas careciam de inferências e de serem relacionados com outros fatores inerentes ao ambiente escolar. De acordo com Bardin (1977), a intenção da análise de conteúdo é:

A inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não). (...) Se a descrição (a enumeração das características do texto, resumida após tratamento) é a primeira etapa necessária e se a interpretação (a significação concedida a estas características) é a última fase, a inferência é o procedimento intermediário que vem permitir a passagem explícita e controlada de uma à outra.

Análises das redações diante da pergunta: *Qual o papel da escola para você?*

Total de Redações 115

	CATEGORIAS IDENTIFICADAS	Nº DE OCORRÊNCIAS
1.	Aprender a Ler/ Escrever	71
2.	Alimentação	51
3.	Futuro/ Melhorar de vida	32
4.	Educar/ Bons modos	27
5.	Arrumar Emprego/Trabalho	22
6.	Brincar	13
7.	Fazer amizades	10
8.	Não bater/ Brigar	8
9.	Relação Professor e aluno	8
10.	Bullyng	7
11.	Ensinar Regras	7
12.	Precisa de melhorias físicas	7
13.	Faculdade/ Concurso	6
14.	Alertar para uso de drogas	4
15.	Cuida dos machucados	4
16.	Ficar inteligente	4
17.	Realizar festas em datas comemorativas/ Excursões	4

18.	Racismo	3
19.	Dividir	2
20.	Ensinar Certo e Errado	2
21.	Ajudar a ter uma vida digna e feliz	1
22.	Boas ações	1
23.	Carinho	1
24.	Colocar os filhos e netos em uma faculdade internacional	1
25.	Compreender o mundo	1
26.	Dar o uniforme	1
27.	Ensinar a ser independente	1
28.	Muito Cansativa	1
29.	Preparar para o mundo	1
30.	Respeitar Deficientes	1
31.	Respeitar os adultos	1
32.	Tirar crianças das ruas	1

Apesar das diversas categorias que apareceram a partir da análise das redações, ficou claro que o papel da escola é identificado sempre no sentido de promover algo positivo: ensinar a ler e escrever, fazer amigos, aprender a ser educado, receber capacitação para que se arrume um bom emprego, alertar para o uso de drogas, promover excursões, etc. Os pontos negativos que apareceram estão atrelado à estrutura física da instituição, que necessita de melhorias, e à reclamação de a escola ser cansativa.

Algumas categorias, que seriam claramente funções familiares, são citadas por como funções da escola: educar, ter bons modos, cuidar dos machucados, receber carinho. Essa inversão de papéis, tão criticada por alguns profissionais, cada vez mais presente nas escolas, fica bem representada na análise feita.

Assuntos como racismo e *bullying* também não ficaram de fora. Segundo as redações, a escola tem cumprido seu papel no sentido de orientá-los sobre as diferenças e a necessidade de se respeitá-las.

A escola como facilitadora para um bom futuro, seja ele profissional, econômico, a entrada em faculdade e em concursos, também foram mencionados.

Os conflitos, brigas e discussões que vemos, diariamente, e a notória falta de interesse pelos estudos não se fizeram representar em nenhuma dessas categorias. Por quê? Mais uma vez surge o questionamento: será que se fosse outro sujeito a perguntar, que não a professora, as respostas seriam diferente? O anonimato pedido durante o processo não foi suficiente para eles expressarem realmente o que pensam sobre o cotidiano da escola?

A sociedade está sempre passando por transformações nas áreas política, econômica, cultural e social. A escola não fica isenta diante de tais mudanças e tentando entender sua missão Paim e Nodari (2012) julgaram necessário entender a sociedade como ela se configura na atualidade.

O sociólogo Zygmunt Bauman aponta conceitos que nos auxiliarão nessa tarefa. Usando os termos “modernidade sólida” para se referir aos aspectos do passado e “*modernidade líquida*” para caracterizar o que vivenciamos hoje, ele descreve a sociedade e suas transformações.

Atualmente vivenciamos uma modernidade líquida onde os processos não são estáveis nem duráveis. A marca desse tempo são as construções e desconstruções, desestabilizações, imprevistos e mudanças, indo de encontro aos aspectos duráveis, controlados e estáveis que caracterizavam as relações no passado.

Vivenciamos grandes descobertas e invenções, crescimento demográfico, tecnologia dos sistemas de informação e expansão das fronteiras. Tudo isso influenciou e influencia a vida das pessoas exigindo outras formas de adaptação e de sobrevivência.

Outro ponto a ser considerado é o tempo: as pessoas precisam agir com rapidez, decidir de prontidão, adaptar-se rapidamente e várias vezes. É o mundo do imediatismo, do descartável, do curto prazo.

A internet também contribuiu para esse novo cenário. Novas relações são oferecidas a todo o momento. “O espaço deixou de ser um obstáculo, basta uma fração de segundo para conquista-lo”. (BAUMAN, 1999, p.85).

No campo do trabalho, que antes era considerado uma virtude e status, não há segurança e permanência. Mudar de emprego é algo comum e necessário diante de tantas demandas e ofertas.

Consumimos mais na modernidade líquida e esse consumo se liga diretamente à felicidade. Não consumimos por necessidade, mas para satisfazer desejos.

Relacionamos-nos de forma diferente, também, dependendo de nossa posição de consumo, que por sua vez define nossa posição social. E aqueles que não conseguem condições de consumir, assumem postura de revolta e até mesmo de violência. Somados a isso, às taxas de desemprego que são vistas como consumidores falhos. Nas redações dos alunos aparece o desejo pelo bom emprego que levará a uma melhora na qualidade de vida e, conseqüentemente, a um maior consumo por parte deles, fazendo com que se sintam incluídos e felizes.

A responsabilidade assume novos contornos. Tem mais a ver com relação a si próprio que com deveres e preocupação com o outro. Exclui-se os interesses, vontades e necessidade do outro.

Diante de tudo isso qual a missão da escola para essa nova sociedade? A escola dá conta desses novos indivíduos e de suas novas necessidades?

Historicamente a escola sempre ocupou um lugar fundamental na constituição da sociedade. Transmitir conhecimentos e conteúdos já foi sua principal função. Ela educava e estabelecia a ordem. Mas diante da sociedade atual não cabe mais a fragmentação de conhecimento conhecida nem seus antigos modos de atuar. Ela não pode mais ficar à margem das transformações sociais e culturais que permeiam a atualidade. Faz-se necessário desenvolver um novo currículo que considere e abra espaço para essa nova ordem social. Não há mais como preparar para vida, uma vez que a vida se modifica a todo tempo, exigindo posturas e respostas diferentes. Criatividade, ser adaptável, competitivo e maleável passam a ser objetivos que a escola deve oferecer.

Nesse sentido, os professores perdem o status de mestre detentores do saber, pois ele está ao alcance de todos através, principalmente, das mídias (televisão e internet). O uso das novas tecnologias não pode mais ser ignorado no interior das escolas, uma vez que elas já se incorporaram ao cotidiano dos alunos. Não podemos simplesmente fazer de conta que elas não existem e proibi-las. Devemos aliá-las, fazendo uso delas de forma eficaz. É uma tarefa difícil, devido à resistência de muitos profissionais, e, também, a postura de alguns alunos que não conseguem separar o uso da tecnologia para o entretenimento e para o estudo.

Diante desse desafio que é a missão da escola nos novos tempos destaca-se a sua facilidade em promover no seu interior a socialização. Espaço privilegiado de construção, de aprender a lidar com diferenças, dando oportunidades às minorias e excluídos.

Para tanto a escola precisa pensar e refletir sobre seus fazeres, relacionando-os com necessidade de aceitar várias culturas, verdades e conhecimentos. Os temas transversais seriam um caminho a ser percorrido, levando em conta as condutas humanas e não só habilidades e competências a serem desenvolvidas a partir de um conteúdo. Como afirma Gomes, “A formação de cidadãos autônomos, conscientes, informados e solidários requer uma escola onde se possa recriar a cultura, não uma academia de aprendizagens mecânicas ou aquisições irrelevantes...” (GOMEZ, 2001, p 264).

A escola, e logo seus sujeitos, precisam estar preparados para fazer dela espaço de respeito, diálogo e vivências, além do aprendizado de conhecimentos. Deve se preocupar com quem aprende, mas também com quem ensina. Oferecer situações de aprendizagem que levem a pensar e refletir. O currículo não pode se afastar da análise, crítica e reflexão. É necessário pensar em um novo formato de ensino, levando em conta a fluidez, rapidez e a velocidade da modernidade líquida.

Ainda buscando pistas Marques e Castanho (2011) buscaram investigar qual o sentido os alunos atribuem à escola, entendendo sentido como o significado da palavra para cada indivíduo, ligado às suas vivências e emoções.

Escutar os alunos ainda é pouco usual nas pesquisas atuais, mas, tal como no presente trabalho, Marques e Castanho (2011) ouviram esses sujeitos a partir de entrevistas coletivas e individuais, desenhos, colagens e questionários, tendo Rey (2002) como suporte metodológico. A pesquisa foi realizada em um projeto social de uma favela de São Paulo, com 23 crianças do Ensino Fundamental entre 10 e 13 anos sem histórico de repetência. Os sujeitos envolvidos foram receptivos durante todo o trabalho, que se desenvolveu com atividades semanais.

Na categoria *Visão Geral da Escola*, destaca-se uma grande crítica à escola, apontando seus defeitos e dizendo ser insatisfatória ou ruim. Um pequeno número disse estar satisfeito com a escola. E contradições também foram encontradas entre aqueles que disseram estar satisfeitos, mas que seria melhor se mudasse de escola. Ainda apareceram os indicadores de indiferença daqueles que nada tinham a dizer.

Sobre a *Finalidade da Escola*, uma maioria significativa colocou que ela diz respeito ao aprendizado, seguido de melhores condições futuras no mercado de trabalho. A escola aparece, aqui, como a redentora, aquela que irá transformar a realidade social. Mais uma vez aparece a contradição entre a escola que não serve, mas que salva e muda as condições de vida. Essa categoria se parece muito com a encontrada nas redações do trabalho realizado na Escola José de Calasanz. Esse caráter transformador da escola: quem estuda conseguirá bons empregos que lhes garantirão um futuro mais tranquilo, diferente do de seus pais. Essa fala é recorrente, muito ouvida, inclusive, em encontros e reuniões com os pais.

Na temática *Como seria não ir à escola* os resultados se divide entre a percepção positiva e negativa. Eles sabem que precisam do estudo para um futuro mais digno, por isso precisam frequentá-la por “pior” que seja.

Quando pedidos a citar as associações feitas a partir da palavra escola, as evocações negativas apareceram em maior número, referindo-se àquilo que não agrada situações de fracasso e dificuldades de aprendizagem e desejos de destruição. As evocações positivas ficaram por conta de algumas disciplinas, momentos livres e descanso das lições. Nos resultados fica clara a insatisfação já colocada por Patto (1990) de que a escola exclui e distancia a população que a frequenta.

Muitas críticas e colocações foram feitas na temática *Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas*. Os alunos reclamaram das cópias excessivas que, muitas vezes, ocupam o horário inteiro das aulas; das aulas vagas por falta de professores; da baixa qualidade dos materiais oferecidos e do próprio trabalho do professor. Muitos alunos culpavam a distância entre professor e aluno e a baixa qualidade das aulas por seu fracasso escolar. Infelizmente essa é uma realidade, não constante, mas praticada quando um professor precisa ser substituído de última hora, quando a turma está muito indisciplinada e uma aula expositiva ou participativa se torna impossível ou até mesmo como forma de punição.

Sobre os *Agentes Institucionais*, vale ressaltar as relações de amor e ódio entre professores e alunos. Muitos reclamaram dos professores como autoritários e desrespeitosos e, muitas vezes, sem domínio do conteúdo dado. Essa distância entre os alunos e o restante do corpo escolar traz a indisciplinada e o desrespeito por parte dos alunos, sendo essa atitude também citada por eles.

Na parte intitulada *Visão do Outro (pais e alunos foram ouvidos)*, os colegas tem igual visão, uma vez que também são alunos. Já os pais depositam na escola a esperança de um futuro melhor que o seu.

Finalmente, na *Visão das Condições Sociais* foi citada a falta de equipamentos adequados, desvio de verbas, descaso político pela escola e, também, preconceito, que separa ricos e pobres em escolas separadas. Na escola em questão, essas condições sociais citadas não acontecem, a não ser a de separar “ricos e pobres”, mas eu diria mais que por regiões que por escolas em si.

Analisando esses dados obtidos percebe-se que as famílias enxergam a escola como único espaço possível de mudança da condição social vivenciada por eles. Os alunos apreendem essa expectativa e acreditam que a escola existe para ele aprender, conseguir emprego e ser alguém na vida. Mas eles destacam que ela não funciona como deveria ou como eles gostariam. Poucos conseguiram citar aspectos positivos e afirmaram não serem respeitados, daí reagirem, também, com a falta de respeito. Os alunos colocam que os professores não gostam das condições de trabalho e não ensinam direito. Já nas redações, o que sobressaem são os aspectos positivos sobre a escola. Os alunos parecem gostar dela, do espaço, de estarem ali, apesar de, cotidianamente, o comportamento mostrar atitudes diferentes disso. Penso e, pelo convívio, percebo que realmente eles gostam da escola, dos professores, dos colegas, mas as expectativas é que são limitadas e, uma vez alcançadas, abrem espaços para outros comportamentos que não são aqueles que nós esperamos deles. Na verdade, os frustrados somos nós e não eles.

Diante dos resultados surgem as perguntas: o que fazer para que essas percepções se transformem de negativas para positivas, de insatisfatórias para eficazes? O que precisa ser feito para que os agentes envolvidos construam um novo tipo de relação, de aprendizagem, de parceira e de diálogo?

O processo não é fácil nem rápido, mas necessário se faz uma aproximação entre os agentes educacionais e a família, de integração social dos meios populares nos programas educacionais, a fim de se obter qualidade e não apenas acesso à educação. Criação de condições de igualdade traria sentimentos mais positivos e satisfação por parte dos usuários.

Necessário se faz continuar a ouvi-los e continuar com estudos dessa natureza para que alguma mudança se concretize.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito me incomodava a postura dos alunos que simplesmente se recusavam a estudar. Estavam sempre presentes, não faltavam, apresentavam potencial, mas não avançavam, não se interessavam, por mais que as aulas fossem preparadas com dedicação e atenção. Afinal, por que eles iam à escola, qual o papel da escola para eles?

De acordo com os autores estudados, a sociedade se transformou. O tempo, as relações, os desejos, o consumo, tudo passou por mudanças, e a escola não ficou isenta. Torna-se um desafio resgatar os alunos para dentro dessa escola e torna-la, novamente, interessante, eficaz e contundente.

Quando iniciamos o trabalho e resolvemos aplicar as redações como forma de comunicação com os alunos, esperávamos, como retorno, várias reclamações, bem típicas do que ouvimos pelos corredores: *que chatice, escola é um saco, que preguiça, isso não serve pra nada...* Mas nada disso apareceu na escrita deles.

No início fiquei tentada a pensar que eles ficaram inibidos, apesar de eu ter pedido que não se identificassem. Ponderei que, se outra pessoa, sem ser a professora deles, fora daquele ambiente, tivesse feito a mesma pergunta: “Qual o papel da escola para vocês?” as respostas seriam bem diferentes. Mas após as leituras, estudos, as disciplinas do LASEB e reflexões, meu pensamento mudou, eu mudei: os alunos do segundo ciclo da Escola Municipal José de Calasanz gostam realmente da escola, o que eles escreveram coincide com o que eles pensam. O que não coincide é o que nós queremos que eles queiram, que eles desejem.

Nós idealizamos um aluno que não existe mais na sociedade atual. Nossos alunos de escola pública e, principalmente da periferia, isolando aqueles que não têm dificuldades de aprendizagem, transtornos ou são de inclusão, vão até a escola para aprender a ler e escrever, e garantir o recebimento do Bolsa Família, por que foram ensinados que isso dará a eles ferramentas para conseguir um bom emprego. Eles querem um diploma porque seus familiares falam que isso é importante e é isso que garantirá um futuro melhor. Eles não são ensinados que devem aprender um número gigantesco de conteúdos e informações que eu e você achamos válidos, mas eles e suas famílias não. Eles não dão valor para isso. Infelizmente? Quando pensamos no Avalia BH, que bate à porta, todos anos, sim. Mas quando pensamos no que faz sentido para o mundo dele, não.

Mas resumir a questão a isso seria muito simplista. Vamos somente ensinar a ler e escrever e, pronto? Propor algo assim seria propor a manutenção de classes e poderes e, longe de mim algo assim. Aí é que vem o desafio. O que quero propor é mudar o olhar, o nosso olhar. Por que no primeiro ciclo ainda se consegue realizar um trabalho motivador, com resultados, mas tudo desmorona quando eles chegam no segundo ciclo? Por que eles já aprenderam a ler e escrever. Já retiraram da escola o que foram buscar lá.

A escola não é eficaz em mostrar ao aluno o sentido da educação para além da alfabetização, de como o conteúdo escolar pode se encaixar na sua realidade e se aplicar na sua vida. Cabe à escola, a nós professores, expandir o campo de visão do aluno. É uma responsabilidade que cabe a nós resgatar.

Se entendermos que vivemos em uma modernidade líquida, como foi citado em Bauman (2001), onde o tempo, as relações, as sensações são diferentes, não podemos ficar alheios a isso dentro da escola. Na hora em que entramos para a sala de aula, precisamos ter em mente que aquelas crianças estão inseridas nessa sociedade e, somente levando em consideração essas especificidades, teremos alguma chance de atingí-las e conseguir estabelecer relacionamentos com elas que levarão a aprendizagens efetivas.

Diálogo, respeito, tecnologia, reflexão, tudo isso precisa estar na pauta, em uma via de mão dupla, se quisermos que o ler e escrever se amplie e que os conteúdos ganhem importância e relevância, como sabemos e acreditamos, que eles podem ganhar. Fácil não é, nem será. Não conseguiremos que todo o corpo docente entenda e faça isso. Nem todos os alunos serão motivados a isso, mas se o seu olhar mudar, o de alguma criança também irá mudar, e na redação dela algo mais estará escrito além do ler e escrever.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GOMES, A. I. Pérez. *A cultura escolar na sociedade neoliberal*. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artemed, 2001.

LARROSA BONDIA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. 2002, n.19, pp. 20-28. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n19/n19a03.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2014.

MARQUES, Patrícia Batista; CASTANHO, Marisa Irene Siqueira. O que é a escola a partir do sentido construído por alunos. **Psicologia Escolarização e Educação (Impr.)**, Maringá, v. 15, n. 1, p. 23-33, June 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 17 set. 2014.

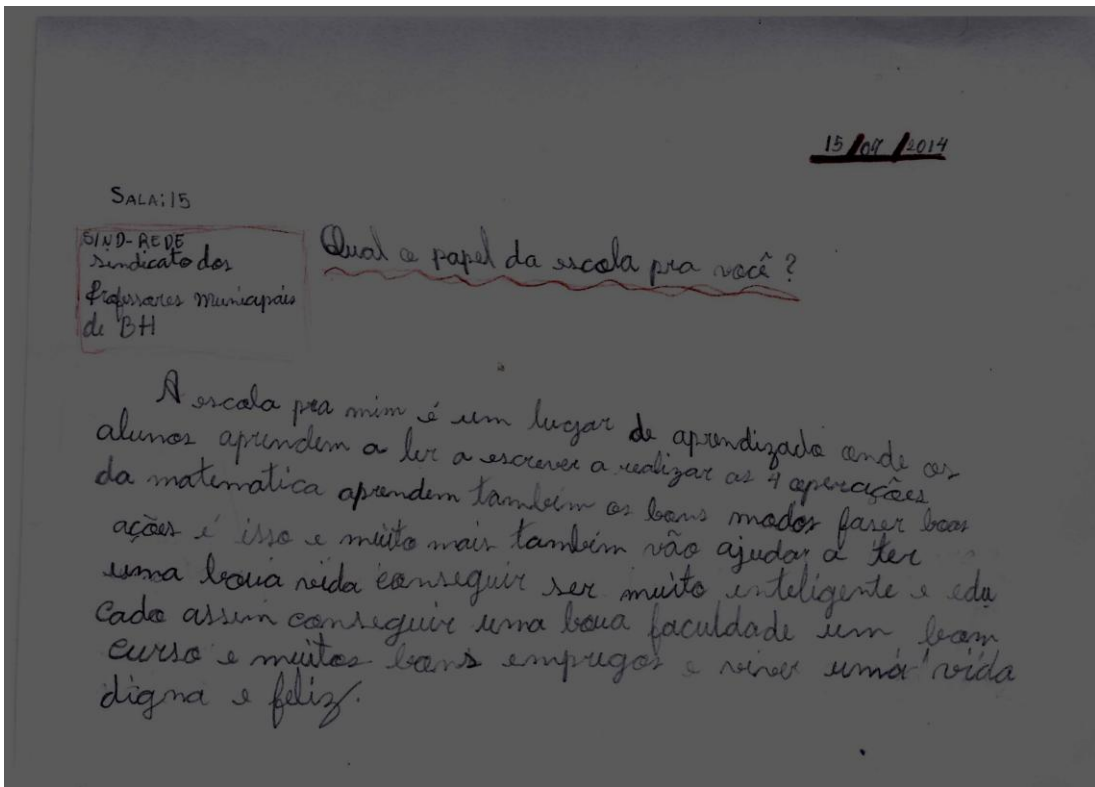
MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima. A crise de sentidos e significados na escola: a contribuição do olhar sociológico. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 31, n. 85, p. 341-357, Dec. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 17 set. 2014.

PAIM, V. C.; NODARI, Paulo César. A missão da escola no contexto social atual. In: **IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul - IX ANPED SUL**, 2012, Caxias do Sul. IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul - IX ANPED SUL. Caxias do Sul: UPPLAY, 2012. p. 01-16.

PATTO, M. H. S.. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: T.A Queiroz, 1990.

REY, F. G.. *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

ANEXOS



Sala: 15

15/07/14

• Qual o papel da escola para você?

O papel da escola para mim é para educar, aprender a dividir ^{alimento}, não fazer bagunça etc. Aprender as 4 operações, a ler, a escrever, fazer boas ações, ajudar o próximo, emprestar os objetos, fazer amizades, etc. e disso pode ir para uma escola melhor, ir para a faculdade ter um emprego digno, e ter um futuro melhor.

15/07/2019

Nota: 15

Qual o papel da escola para você?

A escola serve para estudar e aprender coisa nova todos os dias mas algumas professoras não ensinam. Eu queria que já tivesse educação física todos os dias porque os outros alunos não ensinam porque já não gosta de ir para escola mesmo.

15/07/2019

Qual o papel da escola para você?

- O papel da escola para mim é me ensinar mais do que eu sei
- O papel da escola é evitar brigas e liga na hora para os pais ou mandar para a detenção e nada de desculpas porque não resolve depois a menina ~~em~~ estas brigando de novo.
- É também educar e ensinar os alunos.
- É também se a menina ou menino esquecer a ~~para~~ para casa o professor deve dar compreensão e não criticar.

22:15 15/07/2014

Qual o papel da escola pra você?

A escola serve para ensinar, e educar.
Um dia essas coisas nos ajudaram
no futuro no nosso emprego e em quase
todas as coisas na vida. Mas eu não gosto de
vir a escola. Eu mais fico em casa,
Logando xBox 360.

14/07/2019

Sala 14

Maria Eduarda

Qual o papel da escola para vocÊ?

O papel da escola para mim é agente aprender, para não ficar burro, é para gente crescer na vida, é para gente saber lhe dar com as pessoas, é para gente se enturmar sem briga e sem discussões, é para gente não ser enganado com o troco, agente não se aprende com essas coisas que eu falei agente aprende a reverter também, agente aprende a ser educado, a lhe dar com os problemas, agente aprende a perde, a ganhar, ha hora certa de comer, de brincar, de falar, e de estudar. A escola ensina o que devemos fazer, o que devemos não fazer, a escola é muito bom agente forma muitos amigos. Na escola agente conhece pessoas que vai mudar a sua vida.

A escola é crescer
é aprender é vencer
batalhas é crescer na
VIDA